

CRIANÇA E INFÂNCIA NEGRA NAS ESCRITAS DE HELENA MORLEY

Emerson Benedito Ferreira¹

RESUMO

O presente texto tem como objetivo analisar as escritas produzidas por Helena Morley (Alice Dayrell Caldeira Brant) na obra intitulada **Minha vida de menina**. Nesse sentido, investiga-se a maneira pela qual foi introduzida a figura do negro (em especial, a criança) nos registros produzidos pela autora nos fins do século XIX. Como questão central, busca-se cartografar as escritas de forma a evidenciar qual era o discurso ideado com relação ao negro naquela sociedade. Tal discussão se dá em um período de grandes transformações no cenário nacional, - “fim da escravidão”, Proclamação da República -, fluxos migratórios.

Palavras-chave: Infância. Criança. Diário. Racismo. Século XIX.

BLACK CHILDREN AND CHILDHOOD IN THE WRITINGS OF HELENA MORLEY

ABSTRACT

The present text aims to analyze the writings produced by Helena Morley (Alice Dayrell Caldeira Brant) in the work entitled “My life as a girl”. In this sense, we investigate the way in which the figure of the black person (especially the child) was introduced in the records produced by the author at the end of the 19th century. As a central question, we seek to map the writings in order to show what was the idealized discourse in relation to the black in that society. Such discussion takes place in a period of great transformations in the national scenario, - “end of slavery”, proclamation of the republic -, migratory flows.

Keywords: Childhood, Child, Diary, Racism, 19th century.

NIÑOS NEGROS E INFANCIA EN LOS ESCRITOS DE HELENA MORLEY

RESUMEN

El presente texto tiene como objetivo analizar los escritos producidos por Helena Morley (Alice Dayrell Caldeira Brant) en la obra titulada “Mi vida de niña”. En este sentido, investigamos la forma en que la figura de la persona negra (especialmente el niño) fue introducida en los registros producidos por el autor a fines del siglo XIX. Como cuestión central, buscamos mapear los escritos para mostrar cuál era el discurso idealizado en relación al negro en esa sociedad. Tal discusión se da en un período de grandes transformaciones en el escenario nacional, -“fin de la esclavitud”, proclamación de la república-, flujos migratorios.

Palabras clave: Infancia, Niño, Diario, Racismo, Siglo XIX.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Professor da Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

[...] Não sei se poderá interessar ao leitor de hoje a vida corrente de uma cidade do interior, no fim do século passado, através das impressões de uma menina, de uma cidade sem luz elétrica, água canalizada, telefone, nem mesmo padaria, quando se vivia contente com pouco, sem as preocupações de hoje. E como a vida era boa naquele tempo! Quanto desabafo, quantas queixas, quantos casos sobre os tios, as primas, os professores, as colegas e as amigas, coisas de que não poderia mais me lembrar, depois de tantos anos, encontrei agora nos meus cadernos antigos! [...] Agora uma palavra as minhas netas — Vocês que já nasceram na abundância e ficaram tão comovidas quando leram alguns episódios de minha infância, não precisam ter pena das meninas pobres, pelo fato de serem pobres. Nós éramos tão felizes! A felicidade não consiste em bens materiais, mas na harmonia do lar, na afeição entre a família, na vida simples, sem ambições - coisas que a fortuna não traz, e muitas vezes leva (Helena Morley).

O diário²

Arlete Farge em **Lugares para a história** expõe que “é preciso dar lugar a outras formas de história, aquelas das mentalidades, por exemplo, ou a história social, ou ainda a história sociocultural”, pois “elas encontram em seu caminho numerosos documentos que transcrevem ou evocam dizeres”³.

Philippe Ariès⁴ em ‘A história das mentalidades’⁵ (1990) espelha que “a história das mentalidades (...) nos faz descobrir o que subsiste das antigas oralidades reprimidas, de modo oculto, não consciente, seja sob a forma de sobrevivências camufladas, seja sob a forma de vazios, de enormes lacunas, em nossa cultura hodierna, em que triunfam as racionalidades da escrita”.

Façamos aqui, com base nas escritas de Farge e de Ariès, uma busca pela história das “atitudes mentais” como bem definiu este último historiador, ao citar Lucien Febvre⁶. Partiremos de um diário escrito entre os anos de 1893 e 1895 por uma menina entre os seus 13 e 15 anos. A originalidade destas escritas se distribui por narrativas com perspectivas

² “O professor de Português aconselhou todas as meninas a irem se acostumando a escrever, todo dia, uma carta ou qualquer coisa que lhes acontecer” MORLEY, Helena. **Minha vida de menina**: Cadernos de uma Menina Provinciana nos fins do Século XIX. 11ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1971, p. 11.

³ FARGE, Arlete. **Lugares para a história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 60.

⁴ ARIÈS, Philippe. A história das mentalidades. In: LE GOFF, Jacques. **A História nova**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 17.

⁵ Em um conceito mais ampliado, encontramos no Dicionário de Conceitos Históricos a seguinte definição: “Na historiografia, o conceito de mentalidades passou a designar as atitudes mentais de uma sociedade, os valores, o sentimento, o imaginário, os medos, o que se considera verdade, ou seja, todas as atividades inconscientes de determinada época. As mentalidades são aqueles elementos culturais e de pensamento inseridos no cotidiano, que os indivíduos não percebem. Ela é a estrutura que está por trás tanto dos fatos quanto das ideologias ou dos imaginários de uma sociedade” SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 279.

⁶ Ariès, 1990, p. 15.

singulares. Nelas, o ‘ser um pouco criança’ e um ‘tanto adolescente’ da protagonista acabariam por exalar um frescor narrativo no texto que dificilmente a autora teria quando da publicação da primeira edição no ano de 1942 se tentasse resgatar suas memórias, pois já estaria marcada pelos anos e pelas experiências.

É o que se infere na última edição de seu trabalho:

Imaginemos, entretanto, que o livro se tratasse de uma impostura literária, e tivesse sido escrito, digamos, pela autora adulta – hipótese que qualquer leitor tem o direito de fazer, pago o preço de capa. Neste caso – dizia em conversa um grande escritor brasileiro, Guimarães Rosa – estaríamos diante de um “caso” ainda mais extraordinário, pois, que soubesse, não existia em nenhuma outra literatura mais pujante exemplo de tão literal reconstrução da infância⁷.

Os diários fazem-nos entender as ações cotidianas de sujeitos comuns, como bem grafou Ariès⁸ e Maria Cristina Soares de Gouvea⁹ (2019). As escritas de Alice Dayrell Caldeira Brant¹⁰ (Helena Morley) já foram aproveitadas de várias maneiras. A própria epígrafe deste texto é carregada de possibilidades. Mas aqui nos interessará em particular a questão racial, pois o que se busca é o registro vivo do limiar da República e do crepúsculo da escravidão. Afinal, o que sobre isso teria ela ouvido e visto? Qual seria a mentalidade de sua época? Este momento histórico germinou, de alguma forma, o racismo contemporâneo?

Traremos algumas passagens. Tentaremos entender. Faremos uma reflexão no limite que este e que aquele texto permitir. Ou como diria Ariès:

Talvez os homens de hoje sintam a necessidade de trazer para a superfície da consciência os sentimentos de outrora, enterrados numa memória coletiva profunda. Pesquisa subterrânea das sabedorias anônimas: não sabedoria ou verdade atemporal, mas sabedorias empíricas que regem as relações familiares entre as coletividades humanas e cada indivíduo, a natureza, a vida, a morte, Deus e o além¹¹.

⁷ Morley, 1971, XII

⁸ “Frutos desse mesmo espírito eram os diários de família, onde eram anotados, além das contas, os acontecimentos domésticos, os nascimentos e as mortes. Nesses diários se uniam a preocupação com a precisão cronológica e o sentimento familiar” ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 2018, p.03.

⁹ GOUVEA, Maria Cristina Soares de. Fontes para escrita da história da juventude feminina: diálogos entre diários de Helena Morley e Bernardina Constant. **Pro-Posições**, Campinas - SP, V. 30, 2019.

¹⁰ Chamaremos a autora no transcurso do texto simplesmente de Helena.

¹¹ Ariès, 1990, p. 175.

Raça¹², criança e infância

Cândido de Figueiredo, em 1899, definiria infância como “o primeiro período da existência humana” e criança como o “ser humano que se começa a criar, menino ou menina”¹³. Já Antônio de Moraes Silva, em 1890, registraria que o termo “cria” “dizia-se das crianças das escravas”¹⁴.

Aqui já podemos eleger uma diferença de tratamento entre o que seria o emergir da criança branca e o emergir da criança negra. A diferença entre estes pequenos se fazia sentir também nos periódicos daquele século.

Precisa-se alugar uma **negrinha** de 12 a 13 anos para andar com **criança**¹⁵.
Precisa-se de uma **negrinha** de 10 a 12 anos para pagem de uma **criança**¹⁶.
Precisa-se de uma **negrinha** para lavar roupa de **criança**¹⁷.
Precisa-se **comprar uma negrinha** de 10 a 11 anos, sadia, na rua Formosa, n. 23¹⁸.
Precisa-se **comprar uma negrinha** de 8 a 10 anos. Para informações, na Botica do Castor¹⁹. – (Grifamos).

E é nesta atmosfera, propriamente no dia 18 de janeiro de 1893, que a menina Helena registraria uma de suas primeiras passagens dividindo o momento com outra menina – ‘Cesarina’:

Aqui na Boa Vista só querem minerar. É só diamante e ouro; não cuidam de outra coisa. Para plantar, eles todos dizem que a terra não presta. Mas agora nem sombra de fruta a gente verá mais, nestas férias, **por culpa de Cesarina. A demônia da negrinha** entornou o caldo todo²⁰ (grifamos).

Em outra passagem, agora em um domingo de Ramos do dia 26 de março, a nossa protagonista assim descreve o seu dia:

Tia Carlota comprou uma vaca com cria, para vender o leite e mamãe tomou freguesia com ela. Ela manda à nossa casa **a filha da alugada, Maria**, uma

¹² Para Sílvia Almeida, noção de raça é um “fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades, justificar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários” ALMEIDA, Sílvia Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018, p. 2.

¹³ FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa** [Vol. I]. Lisboa: Livraria Editôra Tavares Cardoso & Irmão, 1899, p. 362 e 752.

¹⁴ SILVA, Antônio de Moraes. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Vol. I. 8. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Empresa Litteraria Fluminense, 1890, p. 566.

¹⁵ CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 25 de novembro de 1865, ano XII, n. 2.850, p. 03.

¹⁶ CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 10 de janeiro de 1866, ano XIII, n. 2.899, p. 03.

¹⁷ CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 12 de dezembro de 1868, ano XV, n. 3.754, p. 04.

¹⁸ O DESPERTADOR. Desterro, sexta feira, 31 de julho de 1871. Anno IX, n. 885, p. 04.

¹⁹ JORNAL DA TARDE. São Paulo. Segunda-feira, 02 de dezembro de 1878. Anno I, n. 27, p. 03.

²⁰ Morley, 1971, p. 07.

pretinha muito esperta, trazer o leite de manhã. Começamos todos a notar que o leite estava muito aguado. Hoje mamãe disse à **pretinha**: “Maria, você diga a Carlota que o leite está vindo muito aguado; que ela precisa dar mais fubá ou feijão branco à vaca, para engrossar o leite”. A **pretinha** respondeu: “Aguado? O leite de lá é tão forte que **Siá** Carlota precisa pô água nele, todo dia, pra destemperá”²¹ (grifamos).

Nestes acontecimentos, nota-se que entre Helena, Cesarina e Maria existiria um distanciamento marcado pela cor e pela raça. As meninas eram contemporâneas, dividiam a mesma idade, mas, naquele momento histórico, se diferenciavam pelo que Maria Luiza Tucci Carneiro denominou de “racismo moderno”, uma doutrina que afirmava “haver relação entre características raciais e culturais e que algumas raças [seriam], por natureza, superiores a outras”²².

No sentido da contribuição de Carneiro, se ficar entendido que os registros deste diário e, portanto, da mentalidade daquela sociedade formam em nós imaginários, por decorrência, passaremos a entender a gênese do racismo na atualidade. Esta busca Michel Foucault denominara de Ontologia Histórica do Presente²³. Mas sigamos com as passagens.

No relato do dia 26 de agosto daquele mesmo ano, eis o registro:

Eu e Luisinha gostamos tanto de crianças que a única distração que temos aqui na Cavahada é pajejar os meninos dos vizinhos. Quando não encontramos **menino branquinho** carregamos mesmo os **negrinhos** da Chácara²⁴ (grifamos).

E em outro episódio, agora do dia 02 de novembro, registrando todo o imaginário racista de sua vizinha de nome “Siá Ritinha”:

Eu resolvi esse negócio de vestido curto dando uma volta para não passar na porta dela. Mas brincar de correr no Largo da Cavahada com minhas **colegas escuras**, eu não conseguia. Ela logo gritava e me dava uns ovos ou chuchus para mamãe e dizia: “Isto é para te **tirar da charola das negrinhas**. Já te disse que você não é menina para brincar com elas! E sua mãe não se importa, mas eu não consinto”²⁵ (grifamos).

Aqui, a autora faz referência a um diálogo com o seu pai. A data era 9 de novembro:

²¹ Morley, 1971, p. 23.

²² CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O racismo na História do Brasil**. São Paulo: Àtica, 1995, p. 06 e 21.

²³ FERREIRA, Emerson Benedito; REINOL, Danilo Augusto. Criança, raça e imaginário social nos noticiários da segunda metade do dezenove. In: AUGUSTO, Diogo Luiz Lima; FREITAS, Patrícia Gonçalves de. **Memória em diálogo**. Rio de Janeiro: e-Publicar, 2021, p. 654.

²⁴ Morley, 1971, p. 54.

²⁵ Morley, 1971, p. 75.

Na escola de Mestra Joaquina eu não podia ter a menor briguinha com uma menina que ela não dissesse logo: “Meu avô não é como o seu que foi para o céu dos ingleses”. (...) Eu sofria muito quando as meninas diziam que ele estava no céu dos ingleses; falava a meu pai e ele dizia: “Responda a elas, minha filha, que é para lá que você também vai, que é **o céu dos brancos e não dos africanos**”²⁶ (grifamos).

Neste próximo evento, outra referência com dizeres racista, agora envolvendo o “Tio Joãozinho”. O fato é do dia 12 de novembro. Era um domingo:

42

Nunca gostei tanto na minha vida de uma coisa como a que aconteceu hoje a Emídio. Tio Joãozinho mandou-o levar uma carta ao Dr. Pedro Mata e ele voltou de cabeça quebrada. Foi mostrando a cabeça a tio Joãozinho e dizendo: “Olha o que o senhor me fez!” Tio Joãozinho perguntou: “Como foi isso?” Ele respondeu: “Foi o doido do Pedro Mata que me deu um pescoção e eu rolei pela escada abaixo.” Tio Joãozinho disse: “Quem sabe você lhe falou como está me falando, chamando-o de Pedro Mata?” Ele respondeu: “Como é que o senhor queria que eu falasse? Não **sou livre e tão bom como ele?**” Tio Joãozinho não pôde deixar de rir e disse: “Foi muito bem merecido esse tapa. Gostei de ver. Com mais alguns você aprenderá a **dobrar a língua para os brancos, negro sem vergonha**”. Eu também gostei, porque ele é muito intrometido. Emídio é um crioulo preguiçoso e esquisito. [...] ²⁷ (grifamos).

A próxima ocorrência envolve mãe da protagonista. A data seria o dia 10 de fevereiro. Era um sábado e o ano já era 1894. O registro também abrange questões de raça, cor e criança.

[...] Na outra noite a mesma coisa. Levantei-me e fiz como na véspera. No terceiro dia mamãe me segurou: “Não vá! Que bobagem é essa agora de passar as noites **pajeando negrinha?**” E não me deixou sair. A **negrinha** já tinha se acostumado comigo e não queria calar. Mamãe com raiva da coitadinha porque não deixava meu pai dormir. [...] e a **negrinha** gritando [...] Eu dou razão a mamãe de ficar zangada comigo. Mas que hei de fazer se não posso mudar meu gênio? Penso que se a menina fosse **branquinha** mamãe não se incomodava. Mas ela sempre ralha da gente **pajear negrinhos**. Que culpa tem os pobrezinhos de **serem pretos?** [...] ²⁸ (grifamos).

Aqui, podemos observar um relato ocorrido em 16 de fevereiro. Nele, Alice elege a cor que deve ser considerada bela:

²⁶ Morley, 1971, p. 77.

²⁷ Morley, 1971, p. 78.

²⁸ Morley, 1971, p. 93.

As **negras** da Chácara do tempo do cativo são **todas pretas**, mas não sei por que **saiu uma branca e bonita**. Chama-se Florisbela, mas nós a tratamos de Bela. Ela se casou com um **negro** que faz até tristeza. No dia do casamento houve uma mesa de doces e fazia pena ver Bela sentada perto do noivo, coitada. Marciano é o **negro** mais estimado da Chácara. Aprendeu ofício de ferreiro e entra na sala para cumprimentar vovó e minhas tias. Mesmo assim eu não queria que Bela casasse com ele. **Ela é tão bonitinha!** Parece até rosa camélia, **clara**, corada e com uns dentes lindos. No dia do casamento meu pai disse: “É um brilhante no focinho de um porco.” Todo mundo teve pena [...]”²⁹ (grifamos).

A questão da cor mais bela é refletida com bastante competência por Lia Vainer Schucman³⁰. Diz a autora que, a partir de Gilberto Freyre, temos no Brasil um tripé: “o branco colonizador”, o “negro escravo” e o “índio nativo”. Ensina ela que, no imaginário brasileiro, “é branca qualquer pessoa com feição branca, mesmo que sua ascendência esteja muito longe dos colonizadores brancos brasileiros”. E diz mais:

A linguagem e os significados compartilhados culturalmente funcionam como determinantes no processo de constituição de cada sujeito. Dessa forma, os conteúdos racistas de nossa linguagem, bem como a ideia de superioridade racial branca construída no século XIX, são ainda apropriados pelos sujeitos. E nesse movimento da constituição da consciência individual, os significados alheios se tornam sentidos próprios³¹.

Mas voltemos ao diário. Agora o acontecimento é de um sábado 18 de agosto de 1894. Novamente a escrita aponta questões raciais:

Meu pai e mãe sempre conversam em casa sobre a mania de vovó e Dindinha nunca passarem seu um **crioulinho** para criar e gostarem tanto **como se fosse branco**. Cada uma tem sempre o seu. Se aquele cresce já vem outro para o lugar. Vovó sempre **cria negrinhas** e Dindinha **negrinhos**. Quando são pequenos eu não me admiro, porque eu também gosto muito de menino pequeno e acha muita graça no Joaquim que Dindinha está criando agora. **Ela o manda fazer gracinhas para nós e ele é muito engraçadinho**. Mas **gostar de negrão** é que eu acho uma coisa esquisita [...]”³² (grifamos).

Outra passagem. Estamos agora em uma terça feira, 05 de março. O ano é 1895:

Hoje passou aqui em casa **uma pretinha** de Boa Vista, minha afilhada. A mãe tinha que vir à cidade e trouxe-a para me visitar. Deve estar com uns cinco anos, mas parece ter três, de tão mirradinha que está a acanhada. Não disse nada e nem ao menos respondia às perguntas. A mãe diz que ela é

²⁹ Morley, 1971, p. 95.

³⁰ SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o Encardido, o Branco e o Branquíssimo: Branquitude, Hierarquia e Poder na Cidade de São Paulo**. São Paulo: Veneta, 2016, p. 122.

³¹ Schucman, 2016, p. 128.

³² Morley, 1971, p. 139.

assim mesmo, muito sossegada. Mas para mim aquilo é pancada ou falta de comida [...] ³³ (grifamos).

Alice, nesta anotação, reforça as contribuições de Jurandir Freire Costa³⁴ (1979) sobre “amas de leite”:

Hoje fui entrando pela casa adentro, morta de fome e via a porta da sala aberta e a sala cheia de gente. Olho e vejo em cima da mesa uma coisa tapada com um lençol. Mamãe foi dizendo: “É o Zézinho coitadinho!” Tomei um susto horrível, pois não há duas semanas que eu vi Zézinho brincando. Isto é, brincando, não; porque ele era menino muito sossegado. Nunca brincava. Ele só assistia ao brinquedo dos outros e só fazia uma carinha de riso. Este menino era filho de Mãe Tina, que **foi escrava** de mamãe e **deu de mamar a nós todos**. Ela e mamãe sempre tinham filhos ao mesmo tempo. **Mamãe não tinha leite; ela tinha e dava aos dois**. Mamãe parou de ter filhos e ela continuou até ter dois gêmeos, e por isso ficou fraca e morreu tísica. Dos gêmeos, Dindinha tomou um para criar. Ela perdeu a filhinha que teve, de ano e meio, e hoje gosta de **criar negrinhos**; já criou uns quatro. [...] Ele sofria de uma moléstia que as negras da Chácara chamam de fome canina. Ele ou havia de estar comendo ou resmungando. [...] ³⁵ (grifamos).

Nas datas de 25 de maio e 23 de julho, temos os seguintes acontecimentos:

Hoje tive pena de Siá Ritinha. [...] Siá Ritinha veio desabafar com mamãe. Desde que o macaco morreu, Inhá não tem mais distração. O Ciriaco, um **mulatinho** que elas criaram, deu para tão ruim, que **até furta dinheiro** quando vai receber as contas dos soldados. **Castigo, pancada, deixá-lo sem comida**, nada adianta. Perdeu a vergonha de um jeito o tal **moleque**, que ela e Inhá não sabem mais o que fazer [...] ³⁶ (grifamos).

Ultimamente eu andava com pena de tia Aurélia, pela luta que ela tinha com uma alugada que trazia a vida dela num inferno; era malcriada **porca, burra, idiota e ruim**, e minha tia vivia infeliz com a **demônia**. [...] Hoje eu faltei à aula de Desenho e corri para o café na casa da minha tia. Logo que nos sentamos na mesa, tia Aurélia foi dizendo: "Vou lhes dar uma notícia ótima. Fiquei livre da Isabel." Todos perguntamos: "como foi que a senhora conseguiu?" Ela disse: "**Dei-lhe uma surra**, ela ficou com medo, carregou a trouxa e foi-se, graças a Deus." Os primos todos disseram ao mesmo tempo: "Que absurdo a senhora fez, mamãe! **Ela é uma negra forte e doida** e a senhora tão pequena e magra; podia ter-lhe batido e machucado muito." E até matado!" ³⁷ (grifamos).

³³ Morley, 1971, p. 181.

³⁴ COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 255-256. Diz o autor: “Inúmeras hipóteses podem explicar o hábito do aleitamento infantil por escravas. Pode-se admitir que o casamento em idade precoce impedisse muitas jovens mães de amamentarem por não disporem de condições físicas para tanto. É o ponto de vista sustentado por Imbert em seu Guia Médico”.

³⁵ Morley, 1971, p. 190.

³⁶ Morley, 1971, p. 203.

³⁷ Morley, 1971, p. 215.

Fechando esta chave de análise, Lilia Ferreira Lobo³⁸ dirá que o século XIX foi incrivelmente cruel com os negros, pois a “biologização da vida que acarretou a naturalização das diferenças como raça” justificaria sua escravidão e colocá-los-ia como inoperantes para o trabalho quando em liberdade. Neste contexto, o negro “figurava sempre no último lugar da inferioridade humana, do ponto de vista intelectual (menos evoluído, retardado), moral pervertido, degenerado) e físico (mais sujeito a doenças)”.

Eivado pelo racismo científico, era o que registraria o psiquiatra Henrique Brito de Belford Roxo no ano de 1904:

Em consequência da abolição da escravatura que veio modificar abruptamente os hábitos dos negros que compunham a vasta mole dos escravos, encontraram-se eles da noite para o dia livres das peias com que os fazendeiros lhes aguilhoavam os ímpetos de liberdade. Desencadearam-se em avalanche pela sociedade, expandiram-se em sua pujança de livres. Dentro em pouco, porém, a fome os torturava e a luta pela vida os compelia a se entregarem aos que, **superiores em evolução**, lhes podiam propinar trabalho e pão. Sucedia, no entanto, que **a organização da família neles não existia**, e assim as mulheres de energia mais reduzida, de atividade menos intensa, tiveram de baquear. **Entregaram-se ao álcool e à devassidão; tornaram-se alienados** em mais alta escala. [...] Estudando a relação entre **alienação mental na raça preta** e nas outras, temos a consignar que, se naquela **o cérebro não evoluiu de modo completo e a herança vai transmitindo esta condição meoprágica**, há também a considerar mais restrita e orbita de suas aspirações, ser menos acentuada a sua excitação cerebral pelos acidentes que constituem a vida intelectual. **Gastam menos o cérebro que os brancos**, que neles vão buscar os elementos com que se guiam em prol da vitória na concorrência vital³⁹ (grifamos).

Em análise, pode-se dizer que tanto Ciriaco quanto Isabel passariam, daquele momento em diante, a figurarem em uma categoria que a mentalidade daquele momento nominaria de Classe Perigosa. Era o racismo científico com absoluta força no pós-abolição.

Desde meados do século XIX, os chamados ‘desvios’ foram compreendidos a partir de duas causas: degeneração de fundo hereditário e produto da desordem social causada pelas grandes e profundas transformações históricas. A própria ideia de degeneração explicitada por Bénédict-Augustin Morel em seu Tratado sobre Degenerações Físicas, Intelectuais e Morais (1857) surgiu a partir de sua vinculação aos supostos efeitos do progresso, da urbanização e da industrialização. A degenerescência foi definida pelo estudioso francês como uma síndrome específica de declínio psiquiátrico que ocorria em famílias [...] as em fins do século, os intelectuais brasileiros

³⁸ Apud FERREIRA, Emerson Benedito. **Criança negra e cotidiano jurídico na Ribeirão Preto do Final dos Oitocentos**. Tese de Doutorado em Educação. São Carlos, Universidade Federal de São Carlos UFSCar, 2019, p. 197.

³⁹ Apud Ferreira, 2019, p. 125.

CRIANÇA E INFÂNCIA NEGRA NAS ESCRITAS DE HELENA MORLEY

usavam o termo de forma ampla, associando o declínio familiar à mistura racial, portanto, o controle da sexualidade e a construção da nação⁴⁰.

Caminhando pelas laudas do Diário, sobre a data de 13 de maio, Diz Helena:

[...] Vovó sempre se queixa que a **Lei de Treze de Maio** serviu para dar liberdade a todo mundo menos a ela, que ficou com a casa cheia de **negros velhos, negras e negrinhos**⁴¹ (grifamos).

[...] Eu ainda me lembro de quando chegou a notícia da **Lei de Treze de Maio**. Os **negros** todos largaram o serviço e se juntaram no terreiro, dançando e cantando que estavam livres e não queriam mais trabalhar. Vovó, com raiva da gritaria, chegou à porta ameaçando com a bengala e dizendo: “Pisem já de minha casa pra fora, seus tratantes! **A liberdade veio não foi pra vocês não, foi pra mim!** Saiam já!” Os **negros** calaram o bico e foram para a senzala. Daí a pouco veio Joaquim Angola em nome dos outros pedir perdão e dizer que todos queriam ficar⁴² (grifamos).

46

E na terça feira, 04 de junho, registraremos a passagem final para este trabalho:

Que pena que Lucas seja tão espirituoso e tão mau. Não se pode apreciar as graças dele pois são sempre de maldade. [...] Fomos ao jantar de Lucas. Ele nos recebeu com uma cara que eu já conheço de sobra quando quer fazer alguma maldade. Mas nada desconfiei. [...] Chegou a cozinheira e pôs na mesa a tal paca. Todos dissemos: “Que é isto? Parece um menino assado!”. Lucas não disse nada porque caía de rir. Reparámos melhor e vimos que era um macaco. Ninguém mais pôde acabar de jantar porque **parecia um crioulinho assado e nos fez nojo** [...] ⁴³ (grifamos).

Algumas reflexões e considerações finais

Em 2018, Sílvio Luiz de Almeida publicaria “O que é racismo estrutural”. É impensável tecer reflexões sobre as passagens do Diário de Alice Brant (Helena Morley) sem compassar aspectos desta obra. Para o autor:

[...] O racismo é sempre estrutural [...] ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para as formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. De tal sorte, todas as outras classificações são apenas modos parciais -, portanto, incompletos – de conceber o racismo⁴⁴.

⁴⁰ Apud Ferreira, 2019, p. 122.

⁴¹ Morley, 1971, p. 95.

⁴² Morley, 1971, p. 167.

⁴³ Morley, 1971, p. 265-266.

⁴⁴ Almeida, 2018, p. 15 e 18.

E ainda:

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem⁴⁵.

Aqui, as análises de Almeida encontram Ariès e Farge. O diário de Alice Brant (Helena Morley) espelha a mentalidade de uma época. As oralidades ali registradas e reprimidas durante anos por vezes flutuam e evocam dizeres que, mesmo ditos de maneira inconsciente⁴⁶, espelham nossa contemporaneidade. E ela é racista.

No Brasil, o racismo desenvolveu-se de forma particular, porque o Estado nunca o legitimou, mas foi e ainda é presente nas práticas sociais e nos discursos, ou seja, aqui temos um racismo de atitudes, porém não reconhecido pelo sistema jurídico e também negado pelo discurso de harmonia racial e não racialista da nação brasileira. [...] Ainda que todas as evidências apontem o racismo como explicação para as desigualdades raciais, o racismo brasileiro tem a especificidade de, em maior ou menor grau, ser velado e sutil⁴⁷.

Em uma rápida análise, notamos que o diário possui cerca de oitenta e três dias registrados com ao menos uma destas palavras: crioulo, negrinha, negra, negras, pretinha, ex-escrava, negro, negros, negro virar branco, negros da chácara, negra da casa, carregar negrinhos, negrinho de senzala, as escravas, dobrar a língua para os brancos, pajeando negrinha, se a menina fosse branquinha, preta e feia, negros sabem ler, santa dos pretos, mulata, mascar fumo como as negras, filhas de pretas, Joaquim Angola negro, negros de cá, negros felizes, negros sem ter para onde ir, uma pretinha, mulatinho, crioulinho assado, negraria, meninos pretos e burros, mulata, gente preta, dentre outras.

Ora, se as escritas de Alice permitem-nos conhecer o ponto de vista dos desvalidos, dos pobres, dos ex-escravos, dos esfomeados e também dar voz a algumas crianças como tão bem exprimiu Roberto Schwarz(1997), não se pode negar que são tristes registros de uma

⁴⁵ Almeida, 2018, p. 25.

⁴⁶ SCHWARZ, Roberto. **Duas meninas**. São Paulo; Companhia das letras, 1997, p. 132. Neste sentido: “A condução anti-convencional da prosa alimenta-se também do realismo da experiência infanto-juvenil e familiar, que sob o signo do esclarecimento - e do momento histórico - escapam à estreiteza que lhes é própria. A pertinência literária chega através de certa agregação de interesses: a escrita da menina faz com que o ponto de vista dos desvalidos, dos parentes pobres, dos ex-escravos, das mulheres, do trabalho, dos esfomeados, dos bichos, bem como da própria criança escape ao mutismo e se defronte com as regras da propriedade e da autoridade. São as energias misturadas da negação e da acomodação que somam e se canalizam com espontaneidade através da verve da escritora”.

⁴⁷ Schucman, 2016, p. 97.

sociedade que desde sempre se pretendeu hierarquizada, usando da raça como pedra de toque para esse intento.

No tocante à criança e à infância, estas escritas escancararam como nunca a diferença aplicada por aquela sociedade aos corpos pretos e aos corpos brancos. Não há ali nenhum registro que os iguale. E mesmo que a autora lance, em muitas oportunidades, um olhar caridoso para com aqueles corpos, ela mesma, muitas vezes sem intencionar, os coloca em degraus diverso.

Nesta chave de análise, podemos dizer que do estudo do diário:

[...] emergiam duas linhas distintas de crianças, a branca e a negra. Duas infâncias que jamais se encontrariam: a infância negra e a infância branca. [...] Suas histórias descrevem duas vias, que jamais se encontrarão. [...] E assim, com o andar do tempo, a criança negra – do nascimento à puberdade –, será sempre excluída desta ideia de “ser criança”⁴⁸.

⁴⁸ FERREIRA, Emerson Benedito; ABRAMOWICZ, Anete. **O racismo na infância e a infância do racismo: vida e rastros de uma criança negra.** *Pro-Posições*, Campinas, SP, v. 33, 2022.